

PÍLULA 4:

QUANDO UMA CRIANÇA BRINCA...

Quando uma criança brinca, qualquer que seja a idade dela, ela pode desafiar o universo adulto com seus excessos e faltas. Excesso de agitação, de vontades, de perguntas, de humores. Falta de coordenação, de noção de tempo cronológico, de compreensão, de controle emocional. É que, durante as brincadeiras legais de fato, um dos elementos constituintes da cena é a interação. Pode acontecer entre duas crianças, entre o pai e a criança, entre um adulto e a criança. E quando interagimos, temos que aceitar que são duas partes, dois corpos, dois tempos, dois modos de agir com seus limites em ação, e o acontecimento, no caso a brincadeira vive desse “entre pessoas” e dessas “inter ações”. Cada um, adulto e criança, na interação, está desafiado nos seus tempos, saberes, capacidades, emoções. Desafiado no sentido de viver e aprender algo novo com o outro com o qual interage.

Por exemplo, durante uma brincadeira com bola, enquanto um aprende sobre regras da brincadeira, o outro pode aprender sobre estados corporais de espera; enquanto um aprende sobre coordenar as mãos na relação com a bola, o outro pode aprender sobre a eterna fragilidade do encontro com o novo; enquanto um erra bastante antes de acertar, o outro pode aprender sobre a potência contida na presença. A ideia de que apenas um ensina e o outro somente aprende é ilusória; ambos aprendem e ensinam simultaneamente, é uma questão de foco. O problema do foco é o desconhecimento de que os acontecimentos estão contidos no simultâneo.

Durante a brincadeira, a possibilidade de um interage com a intenção do outro e vice-versa, gerando um ambiente em seu campo de forças que podem ser transmitidas de várias formas, influenciando os corpos que brincam. E, desse modo, seguimos, todos, com a nutrição, objetiva e subjetiva, que cada ambiente deveria proporcionar, gerando e semeando “campos de vida”, campos carregados de uma florzinha delicada, vibrante, vigorosa, estimulante. Vale uma reflexão!

Denise De Castro